



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO TÉCNICO, MÉDIO E EDUCAÇÃO À
DISTÂNCIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

JOSENILDO GONÇALVES DE BRITO

O PRECONCEITO DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:
EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA SENADOR JOSÉ GAUDÊNCIO - PB

MONTEIRO – PB

2014

JOSENILDO GONÇALVES DE BRITO

**O PRECONCEITO DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:
EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA SENADOR JOSÉ GAUDÊNCIO - PB**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba/ Campus de Monteiro, como pré-requisito para obtenção do título de Especialista na Área de Concentração: Educação.

Orientadora: Prof^a. Ms. Cristiane Agnes Stolet
Correia

MONTEIRO – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B862p Brito, Josenildo Gonçalves de.
O preconceito de gênero nas aulas de educação física
[manuscrito] : experiências na Escola Senador José Gaudêncio /
Josenildo Gonçalves de Brito. - 2014.
48 p. nao

Digitado.
Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas
Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba,
Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia,
Departamento de Letras".

1. Preconceitos de gêneros - Masculino, femi nino. 2.
Escola - Educação Física. I. Título.

21. ed. CDD 372.86

JOSENILDO GONÇALVES DE BRITO

O PRECONCEITO DE GÊNERO NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA: EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA
SENADOR JOSÉ GAUDÊNCIO - PB

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba/Campus de Monteiro, como pré-requisito para a obtenção do título de Especialista na Área de Concentração: Educação.

Aprovado em 06/12/2014

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia

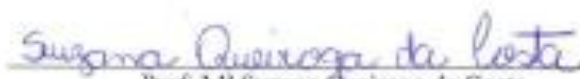
CCHE/UEPB

Orientadora



Prof. Me. Ailton Carlos da Conceição

Examinador



Prof. M.ª Suzana Queiroga da Costa

Examinador

A minha família, que está ao meu lado em todos os momentos de minha vida. **Dedico.**

AGRADECIMENTOS

Existem pessoas para as quais singelas palavras não são suficientes para traduzir minha gratidão. Mesmo assim, não posso deixar de registrar meu agradecimento a algumas delas:

À minha esposa Nalba, companheira nessa louca aventura chamada vida;

À meus filhos, Carlos Eduardo e André Felipe que sempre esperam e mim o melhor e por quem luto todos os dias para que meus atos sejam seus melhores exemplos;

A orientadora desta pesquisa, Prof^ª. Ms. Cristiane Agnes Stolet Correia, por suas contribuições, críticas e incentivos carregados de compreensão e respeito;

E, finalmente, mas não menos importante, aos educandos da Escola Senador José Gaudêncio, que lutam bravamente pelo processo de mudança do indivíduo na árdua tarefa de educador.

“É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal maneira que num dado momento a tua fala seja a tua prática.”

Paulo Freire.

RESUMO

O preconceito de gêneros está presente no dia-a-dia escolar nas aulas de Educação Física, é bastante evidente a atitude discriminatória entre alunos e alunas durante as aulas de educação física. O professor deste componente curricular, tem a função de transmitir o saber elaborado, desvinculado de qualquer valor que vise à reprodução de preconceitos, discriminação e subordinação cabendo a ele intervir para inibir o preconceito, através de discussões sobre o assunto, relacionado a parâmetros estéticos ou a qualquer tipo de diferença. Uma importante questão levantada neste trabalho foi investigar o que os professores de Educação Física da escola Senador José Gaudêncio, no município de Serra Branca podem fazer para coibir atos discriminatórios nas suas aulas. Este trabalho teve como objetivo identificar e discutir a existência e os tipos de preconceitos de gêneros (masculino/feminino) nas aulas de Educação Física. O trabalho foi especificamente desenvolvido junto a turma de alunos e alunas do 2º ano “C” do Ensino Médio na Escola Senador José Gaudêncio, em Serra Branca – PB. O mesmo teve por objetivo apresentando proposições para a redução do preconceito de gênero no âmbito escolar, em especial nas aulas de Educação Física, mas que esta seja uma atitude propagada para a vida do educando enquanto cidadão consciente de seu papel na sociedade. Para tanto, foram feitas entrevistas estruturadas com os alunos, através da aplicação de questionários; pesquisa bibliográfica como sugerem autores como Braga (2007), Louro (2002, 2000, 1997), Pereira (2007, 2005) e leitura dos Marcos Regulatórios da Educação, em especial os PCNs. Buscamos perceber se existe ou não o favorecimento dos agrupamentos por sexo, o preconceito claro dos meninos contra as meninas. Sendo esta pesquisa partido da observação no decorrer de 15 anos de praticas docentes, onde diariamente percebemos o auto-preconceito das meninas nas atividades de Educação física, os dilemas por parte do meninos que sofrem também este tipo de preconceito porém os questionários não garantem que a amostra represente a realidade do grupo, pois pode ter acontecido um certo inibimento por parte dos educandos, diante da presença do professor. Entretanto não seria possível a coleta de dados de uma outra forma, se não a observação participativa e o contato direto com o objeto de estudo, neste caso um recorte pequeno com a turma “C”, da segunda série do ensino médio.

Palavras-chave: Gênero, Escola, Educação Física.

ABSTRACT

El sesgo de género está presente en el día a día en las clases de educación física de la escuela, es la actitud discriminatoria bastante clara entre hombres y mujeres estudiantes durante las clases de educación física. El maestro de este componente curricular, tiene la función de transmitir conocimiento desarrollado, enlaces a cualquier valor que tiene como objetivo la reproducción de los prejuicios, la discriminación y la subordinación le ajuste a intervenir para inhibir los prejuicios, a través de discusiones sobre el tema, en relación con los parámetros estéticos o cualquier tipo de diferencia. Una cuestión importante planteada en este trabajo fue investigar lo que los profesores de la Escuela de Educación Física senador José Gaudencio, en Serra Branca pueden hacer para frenar los actos de discriminación en sus clases. Este estudio tuvo como objetivo identificar y analizar la existencia y los tipos de prejuicios de género (masculino / femenino) en Educación Física. El trabajo ha sido desarrollado específicamente con los estudiantes de la clase y los estudiantes de segundo año "C" Educación Secundaria en la Escuela senador Joseph Gaudêncio en Sierra Blanca - PB. Las mismas proposiciones Presentar las dirigidas a reducir el sesgo de género en las escuelas, sobre todo en las clases de educación física, pero esto es una actitud propagado a la vida del estudiante, mientras que consciente de su papel en la sociedad ciudadana. Para ello, los estudiantes con entrevistas estructuradas se llevaron a cabo mediante el uso de cuestionarios; literatura como sugerido por autores tales como Braga (2007), Louro (2002, 2000, 1997), Pereira (2007, 2005) y la lectura de Marcos Normativos de la educación, especialmente los números de control. Buscamos entender si o no a favor de los grupos por género, el claro sesgo de chicos contra chicas. Dado que esta ventaja la investigación de la observación de más de 15 años de prácticas de enseñanza, donde todos los días vemos la educación autopolarización de las niñas en las actividades físicas, los dilemas planteados por los chicos también sufren este tipo de prejuicio, pero las pruebas no garantizan que la muestra representa la realidad del grupo, ya que se percibe que existe una cierta inibimento por los estudiantes, en presencia del profesor. Sin embargo, no sería posible recoger los datos de otra manera, si no la observación participante y el contacto directo con el objeto de estudio, en este caso un pequeño recorte en la clase "C", el segundo año de la escuela secundaria.

Palabras clave: Género, Escuela de Educación Física.

LISTA DE GRÁFICOS

	Pag.
GRÁFICO 1. Divisão de gêneros masculino e feminino dos alunos do 2º ano do Ensino Médio da Escola Senador José Gaudêncio	33
GRÁFICO 2. Divisão de faixa etária dos alunos do 2º ano do Ensino Médio da Escola Senador José Gaudêncio	34
GRÁFICO 3. Apresentação do tempo decorrido em que os alunos do 2º ano do Ensino Médio estudam na Escola Senador José Gaudêncio	34

LISTA DE TABELAS

	Pag.
TABELA 1. Relação de preferência dos alunos pelos esportes praticados nas aulas de Educação Física pelos alunos do 2º ano do Ensino Médio que estudam na Escola Senador José Gaudêncio	37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I	17
1.1 O Gênero como uma construção biológica	17
1.2 O conceito de Gênero como uma construção social e a função da escola	18
1.3 Sobre preconceito de Gênero	20
1.4 O conceito de Gênero e a Educação Física	21
1.5 Aulas de Educação Física e os Marcos Regulatórios	26
1.6 O papel da Educação Física no combate ao preconceito de Gênero.....	28
CAPÍTULO II	30
2.1 Breve contexto histórico da instituição.....	30
2.2 Discussão Metodológica e o caminho percorrido	30
2.2.1 Aspectos metodológicos	30
2.2.2 O caminho percorrido	32
2.3 Discussão e resultado da pesquisa	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

Atualmente, pensar em educação escolar nos remete a pensar na questão da função social da escola na contemporaneidade: a construção de identidades abertas à diversidade cultural, o combate à discriminação dos grupos culturais marginalizados na sociedade, a valorização da cultura destes mesmos grupos e o desafio a preconceitos e estereótipos limitadores de uma educação mais igualitária e menos excludente (CANDAUI, 2011; MOREIRA E CÂMARA, 2008; CANEN, 2005).

O processo de socialização é iniciado desde os primeiros momentos de vida do indivíduo, neste processo os seres humanos estão condicionados a adquirir comportamentos, crenças e regras que são valorizados por diversos grupos e instituições. A escola não é um lugar imparcial onde os conflitos sociais são despercebidos, é na verdade um espaço sociocultural onde convivem os conflitos e as contradições. As discriminações social, racial, sexual e de gênero, que fazem parte da cultura e da estrutura da sociedade, e estão presentes nas relações entre educadores/as e educandos/as.

A escola possui diversas finalidades na formação social e educacional de meninos e meninas, como: transmitir valores e formar cidadãos autônomos e críticos que saibam defender seus direitos submetendo aos deveres sociais. A escola tornou-se um centro produtivo das diferenças, distinções e desigualdades e se encarregou de separar sujeitos, segundo Louro (1997), que esclarece as inúmeras formas de constituição desses sujeitos por intermédio dos gestos, movimentos e sentimentos surgindo meninos e meninas, conseqüentemente as desigualdades entre eles. As instituições escolares, através de regimentos, organização dos espaços e da distribuição do tempo, constituem importantes espaços para a formação de crianças e jovens. "As crianças aprendem o sexismo na escola ao se defrontar com a hierarquia do sistema escolar, onde os papéis feminino e masculino estão determinados" (ALAMBERT, apud GALLARDO, 1999, p.25).

Inúmeras pesquisas apontam que a escola possui mecanismos sutis que constroem e mantêm as diferenças entre os sexos. Louro (1997; 2000; 2002) afirma que a escola é parte importante neste processo, e seus estudos apontam para o modo como as instituições e suas práticas ensinam certas concepções, fazendo com que certas condutas e formas de comportamento, diferenciadas pelo sexo, sejam aprendidas e interiorizadas,

tornando-se quase "naturais". "Tal 'naturalidade' tão fortemente construída talvez nos impeça de notar que, no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentam, circulam e se agrupam de formas distintas". (LOURO, 1997, p. 56).

O preconceito de gêneros está presente no dia-a-dia escolar nas aulas de Educação Física, é uma situação mais frequente do que podemos imaginar. É bastante evidente e até pode causar traumas psicológicos aos indivíduos que vivem determinadas situações. O preconceito é um juízo preconcebido, mostrando-se geralmente na forma de uma atitude discriminatória diante de pessoas, lugares ou tradições considerados diferentes ou estranhos.

É notável que a dificuldade e a participação dos nossos alunos pelas aulas de educação física estão relacionadas à sua qualidade de vida, aos valores repassados pela família, a falta de oportunidades de práticas físicas e esportiva, e o sistema precário, que muitas vezes compromete a qualidade de nossas aulas.

Já o interesse, se dá pela importância das atividades físicas, na busca de prevenção e combate de doenças, na redução do sedentarismo e a necessidade de se adotar uma prática de atividade física ou esportiva que melhore a qualidade de vida e que possa desenvolver o sistema motor, fortalecendo os músculos e os ossos, contribuindo para o processo não apenas físico, mas para a construção da formação social do educando, pois compreende que este é o papel da escola: Desenvolver as habilidades físicas e sociais do indivíduos, não formando apenas "alunos", mas construindo cidadãos.

Neste processo de formação, o professor de Educação Física tem a função de transmitir o saber elaborado, desvinculado de qualquer valor que vise à reprodução de preconceitos, discriminação e subordinação cabendo a ele intervir para inibir o preconceito, através de discussões sobre o assunto, relacionado a parâmetros estéticos ou a qualquer tipo de diferença, demonstrando nas práticas cotidianas que o que deve ser levado em consideração é a saúde física e mental, bem como o respeito às diferenças biológicas, culturais e sociais.

Neste contexto, no universo escolar e na sociedade de forma geral, cada vez mais se faz necessário promover discussões que possam contribuir para a compreensão da situação das motivações do preconceito, bem como construir alternativas para combatê-lo, elaborando uma possível intervenção para que possa diminuir o problema,

pelo fato de que o preconceito de gênero nas aulas de Educação Física é uma questão importante que muitas vezes passa despercebida ao universo escolar.

É notável na vivência das práticas docentes, que os alunos, em determinadas situações, apresentam certo grau de comodismo, não demonstrando nenhum senso crítico em relação à disciplina e nem a forma em que as aulas são ministradas, com isso, muitos professores ainda trabalham no método tradicional, valorizando a força do homem para desempenhar atividades mais rígidas e a delicadeza das mulheres para desempenhar atividades que exija certa leveza. Desta forma, a discriminação de gênero se torna mais evidente, sem contestação da escola e nem até mesmo dos próprios alunos.

Faria (2002) aponta que a questão de gênero na pesquisa educacional ainda é um tema pouco explorado. De acordo com a autora, as inúmeras pesquisas que tratam das relações de gênero não costumam abordar as especificidades das diferentes idades e fases da vida, principalmente aquelas que dizem respeito às crianças.

O trabalho ora apresentado teve como objetivo identificar e discutir a existência e os tipos de preconceitos de gêneros (masculino/feminino) nas aulas de Educação Física, junto aos meninos e meninas alunos do 2º ano “C” do Ensino Médio na Escola Senador José Gaudêncio, no município de Serra Branca – PB. No mesmo buscamos, observa qual esse grau de preconceito visto em um primeiro momento apenas com o olhar de senso comum, e embora sabendo os entraves (cultura, sociedade), apresentamos proposições para a redução destes preconceitos no âmbito escolar.

Assim buscou-se identificar os principais preconceitos de gênero que ocorrem no cotidiano nas práticas de Educação Física na referida escola; identificar as origens do preconceito no corpo discente; e elaborar propostas para a redução do preconceito no âmbito escolar.

Para a melhor compreensão do trabalho, o mesmo está estruturado em dois capítulos construídos da seguinte forma: O primeiro capítulo abre a discussão teórica sobre o que é gênero, quais as construções sociais, culturais e biológicas que definem a noção ou a construção do mesmo; trazemos à pauta a construção da disciplina de educação física, o que os marcos regulatórios da educação discorrem sobre o papel da disciplina e qual o papel do profissional deste componente curricular no combate ao preconceito, especialmente falando no preconceito de gênero; O capítulo II traz de forma breve e concisa o espaço onde a pesquisa foi desenvolvida para que o leitor e interessado neste trabalho possa perceber qual o espaço onde ocorre este processo e

finalmente temos a trajetória metodológica para a construção do projeto de pesquisa, em quais autores e especialistas nos detemos para nosso embasamento de pesquisa e finalmente apresentamos os resultados de nossa pesquisa, onde abrimos o espaço para perceber essas formas de preconceito que muitas vezes passam despercebidas no universo e na comunidade escolar, como passam também despercebidas as aulas da disciplina de educação física por parte da maioria dos educadores e gestores, colocando esta em sua grande maioria como um componente curricular que pouco pode contribuir para a formação dos educandos como cidadãos.

A discussão e o resultado da pesquisa foi baseada em sua grande maioria na interpretação dos dados coletados mediante a aplicação de questionários estruturados, mas também utilizamos a observação participativa para a coleta das informações aqui apresentadas, pois não podíamos deixar de apresentar as percepções de 15 anos de prática docente.

A pesquisa foi realizada com alunos da disciplina Educação Física da turma de 2º ano “C” do Ensino Médio da Escola Senador José Gaudêncio, em Serra Branca – PB, no mês de julho de 2014. A cidade de Serra Branca está localizada na microrregião do Cariri Ocidental. Segundo dados do último censo demográfico do IBGE (2010), sua população estimada em 2014 é de 13.488 habitantes, com área da unidade territorial de 689,915 km² e densidade demográfica 18,89hab/km², essa população tem no município de Serra Branca o comércio local como principal atividade econômica.

Para a pesquisa de campo foi realizada a aplicação de questionários a alunos de ambos os gêneros, todos os alunos de Educação Física da turma de 2º ano “C” do Ensino Médio da Escola Senador José Gaudêncio, com idade entre 13 e 19 anos. Anteriormente, foram definidas dezoito questões apropriadas ao presente estudo, empregadas no questionário utilizado no trabalho de campo.

Procedemos à aplicação dos questionários a 20 alunos e alunas turmas, representado 75 % deste grupo, que se propuseram a contribuir com a pesquisa respondendo as perguntas. No questionário, cada entrevistado respondeu as questões sobre os pontos de vista e as relações de gênero entre educandos e educandas e também com educadores e educadoras nas aulas de Educação Física.

Além da aplicação dos questionários, foi usado o método de pesquisa bibliográfica, ou seja, a busca de informações através de material escrito, onde se buscou obter conhecimento sobre diferentes concepções de gênero bem como, conhecer critérios para elaboração de instrumentos do estudo em foco. Buscando-se documentos

que falam sobre o preconceito em nossa sociedade, bem como autores diversos que discutem sobre a problemática, assim como leituras e discussões de textos, além da observação participativa.

CAPÍTULO I

1.1 O GÊNERO COMO UMA CONSTRUÇÃO BIOLÓGICA

Pensar ou falar do conceito de gênero, é abrir um longo debate onde várias correntes são deterministas, entre essas correntes, podemos apresentar a construção do gênero em seu caráter biológico, segundo Magalhães & Silva (1975) a diferença de gênero é biológicas, onde em nossas gônadas masculinas e femininas são produzidos os hormônios que serão responsáveis pelo comportamento sexual e pela configuração corporal. O hormônio androgênio atua no homem no desenvolvimento das características sexuais secundárias, na manutenção dos testículos e em seu trato reprodutivo. Na mulher é o hormônio estrogênio que provoca o aparecimento das suas características sexuais femininas. (GUYTON, 1981).

[...] isso ocorre porque esses hormônios que proporcionam a multiplicação dos elementos celulares respectivos, em regiões determinadas do corpo. Outro efeito ainda não muito conhecido do hormônio estrogênio é a proliferação de células fetais, colaborando na diferenciação de algumas delas em órgãos especiais. Ele também poderá agir no controle do desenvolvimento de algumas características sexuais femininas.

A glândula hipófise, localizada na base do encéfalo, secreta o hormônio gonadotrópico chamado hormônio folículo estimulante, que atua nos folículos primários do ovário, fazendo com que cresçam, provocando a proliferação das células foliculares que circulam o ócito primário. Essas células secretam o estrogênio, principal hormônio ovariano da mulher, (GUYTON,1981).

Já no feto masculino dentro do útero materno, ainda segundo Guyton (1981), é o testículo que produz testosterona para desenvolver órgãos sexuais masculinos e características secundárias masculinas. Após o nascimento da criança os testículos param de produzir a testosterona, só reaparecendo sua produção na puberdade, para induzirem os órgãos masculinos a retomar seu crescimento. Agem também para dar ao homem adulto suas características distintas.

Sobre a determinação do sexo na criança, existem diversas teorias desde fatores científicos a situações sem explicação científicas, mas, segundo Guyton (1981), é o

homem quem o determina, pois é em seu espermatozoide que existe o par sexual, ou seja, um dos 23 pares de cromossomos existentes em nossas células. No homem, em suas células sexuais, encontramos um cromossomo X (cromossomo feminino) e um cromossomo Y (cromossomo masculino) e, na mulher encontramos em suas células dois cromossomos X.

Cada espermatozoide carrega um tipo de cromossomo. Um espermatozoide contém o cromossomo Y e o outro contém o cromossomo X. Já o óvulo contém um único cromossomo X, quando é fertilizado por um espermatozoide que contém um cromossomo X ficará, então, com um par de cromossomos XX, formando, assim, uma menina. Quando o óvulo se encontrar com o cromossomo Y, criará um par XY, dando origem a um menino (GUYTON, 1981).

Segundo Vaitsman (1994), um discurso científico, jurídico e popular era difundido acerca das características próprias da natureza de cada sexo, considerava-se, “as mulheres como fisicamente frágeis e, por isso, naturalmente delicadas, submissas e afetivas e os homens fortes, e, portanto, dominantes vigorosos e intelectuais”.

1.2 O CONCEITO DE GÊNERO COMO UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL E A FUÇÃO DA ESCOLA

As Ciências Sociais explicam que as diferenças de gênero são socialmente e culturalmente construídas, o que nos ensinaria a nos comportarmos segundo determinado padrão, com certas atividades masculinas e femininas, construindo, assim, o gênero (PEREIRA et al, 2007). Podemos descrever gênero como sendo o conjunto das representações sociais e culturais, ou seja, o desenvolvimento das noções de masculino e feminino como uma construção social. De acordo com Braga (2007, p. 214) “a diferença biológica é apenas o ponto de partida para a construção social do que é ser homem ou ser mulher”.

Nesse sentido podemos observar que essa diferença encontrada entre os gêneros masculino e feminino, onde os homens geralmente apresentam uma musculatura mais desenvolvida, uma maior força e potência muscular, isso acontece, pelo fato de sua estrutura muscular favorecer esse desenvolvimento, já as mulheres geralmente com sua estrutura muscular diferenciada, pode encontrar um certa dificuldade nas atividade que exija muita força, mas pode perfeitamente se adaptar a outras atividades que necessite

de leveza, agilidade, flexibilidade ou outras valências físicas. No ponto de vista da diferença de gênero, esta é construído culturalmente e socialmente, pois na maioria dos casos ao homem são destinadas as tarefas mais pesada, que requeem mas força física, proporcionando assim um maior desenvolvimento dos músculos. As mulheres são destinadas as tarefas mais diretamente ligadas ao emocional, tornando-as mais sensíveis e delicadas.

Para Pereira e Mourão (2005), este imaginário circunscreveu-se no corpo de meninos e meninas e indicava que eles tinham a capacidade de produzir gestos e movimentos fortes, ágeis, viris e eficientes; e elas de produzirem movimentos leves, graciosos, delicados e belos. As diferenças existentes entre os dois sexos, como a composição corporal e as qualidades físicas, acabam por definir alguns comportamentos mais identificados e apropriados a cada sexo. Atividades que exigem menor esforço físico e estão associadas à estética com movimentos harmônicos, leves e suaves, estão mais presentes nos movimentos das meninas, exaltando características de delicadeza e fragilidade como definidoras de sua identidade motora. Segundo Pereira e Mourão (2005), desde o nascimento, meninas e meninos são submetidos a um tratamento diferenciado que lhes ensina os comportamentos e emoções ‘adequados’ e ‘aprovados socialmente’ ao seu sexo.

Para Pereira et al. (2007), vivemos em uma época marcada pela construção social dos papéis masculinos e femininos provenientes da relação de poder estabelecida entre homens e mulheres. Esta diferença tem privilegiado os homens, na medida em que a sociedade ainda não tem oferecido as mesmas oportunidades de inserção social e exercício de cidadania a ambos. Tradicionalmente a cultura machista é uma sombra da sociedade, excluindo as mulheres de atividades consideradas adequadas para o gênero masculino.

Baseado nas afirmações vistas anteriormente, podemos afirmar que o preconceito é passado de geração em geração das mais variadas formas estabelecidas pela sociedade e pelas instituições. Normalmente a escola marca espaços, informando qual deve ser o “lugar” de meninos e de meninas, assim como as ações da maioria dos profissionais envolvidos na Educação e que acabam concordando com as atitudes realizadas pelos alunos e alunas (LOURO, 1997 apud BRAGA, 2007).

Segundo Pereira et al. (2007). A menina, por exemplo, não deve receber somente brinquedos de miniaturas de objetos domésticos, levando-a a propensão ao trabalho doméstico, não oferecendo assim alternativa ao seu futuro. Já para os meninos

são ofertados somente carrinhos, objetos de lutas, assim incentivando-os ao uso do corpo para a luta e o gosto pela velocidade.

Vianna e Ridenti (1998), afirmam que a escola no seu cotidiano, “produz e reproduz ações que separam e demarcam o que é considerado socialmente como pertencente ao mundo feminino e ao mundo masculino”. A presença do preconceito de gênero no ambiente escolar afeta meninos e meninas, “e tem base no sistema educacional que reproduz, em alguns momentos, as estruturas de poder, de privilégios de um sexo sobre o outro em nossa sociedade” (VIANNA E RIDENTI, 1998).

Além dessa diferenciação de estruturas físicas encontrada entre os homens e as mulheres, outro fator determinante é o que é atribuído pela sociedade o que é de características masculinas e femininas, que muitas vezes é reproduzido dentro do universo escolar e produzido de forma muito forte nas aulas de educação física, com isso, é preciso uma forte intervenção de professores desta disciplina, no sentido de minimizar essas diferenças e conscientizar a todo o alunado sobre a importância do respeito às diferenças, construindo um espaço em suas aulas, onde todos os seus alunos tenham seus direitos garantidos e suas individualidades respeitadas.

Nós como educadores/as precisamos nos preocupar com tudo isso, porque os modelos de homem e mulher que as crianças têm à sua volta são decisivos na construção de suas referências de gênero.

1.3 SOBRE PRECONCEITO DE GÊNERO

O preconceito é um mecanismo para que, de uma maneira acrítica, se reproduza a ordem social. É também uma forma de legitimação das formas tradicionais que estão posta na nossa sociedade. Em geral, o preconceito se reproduz com forte apelo a moral¹,

¹No que diz respeito ao preconceito, é salutar fazer algumas ressalvas sobre a moral, o moralismo e a vida cotidiana. Para Barroco (2010 p. 42) “a moral origina-se do desenvolvimento da sociabilidade; responde à necessidade prática de estabelecimento de determinadas normas e deveres, tendo em vista a socialização e a convivência social”. A moral exerce uma função integradora sendo indispensável na vida social. Ela se reproduz por meio dos hábitos, costumes e da tradição em determinados momentos históricos. A moral é passível de transformação, à medida que é construída por homens e mulheres (seres sociais), produzindo e reproduzindo as relações sociais. Como parte fundamental da vida cotidiana, a moral propicia uma relação entre indivíduo e coletivo, uma relação que ao mesmo tempo é singular e genérica. Salienta-se aqui que a moral interfere no estabelecimento dos papéis sociais a serem internalizados pelas pessoas, podendo ser um instrumento de alienação.

numa tentativa de resgatar os costumes de determinada tradição, pelo viés da condenação de comportamentos não aceitos.

Pode-se manifestar sob diversas formas, ódio, violência psicológica, física, simbólica e institucional e sempre contribui para naturalizar as desigualdades históricas. De acordo com Prado (2008 pág. 67) o preconceito é um mecanismo fundamental de interiorização social e também:

Atua ocultando razões que justificam determinadas formas de interiorizações históricas, naturalizadas por seus mecanismos. (...) o preconceito nos impede de identificar os limites de nossa própria percepção da realidade.

É necessário ressaltar que estas relações de gênero vêm sendo construídas sob a ótica da opressão/repressão. O preconceito de gênero é um dos aliados fundamentais na reprodução de relações desiguais, impedindo que essa discussão passe do âmbito privado para uma discussão de cunho política e mais ampla.

Cabe salientar que a manifestação do preconceito de gênero é, sobretudo, uma manifestação do sexismo, sendo este o responsável pela criação de uma hierarquia.

Neste sentido, e diante das várias situações que vivenciamos diariamente como educadores, devemos desenvolver nossas práticas educativas atentos para que este artefato, seja visto como um espaço de luta, uma vez que, ele está intrinsecamente relacionado às estruturas sociais e econômicas mais amplas da sociedade. Como “educadores” devemos estar atentos, pois somos atores sociais capazes de combater fortemente as discriminação e preconceito das relações entre gêneros masculinos e femininos, estando cientes de que esta é uma questão que vem dos tempos mais remotos da humanidade, tendo raízes fincadas na cultura e na tradição machista.

1.4 RELAÇÕES DE GÊNERO E A EDUCAÇÃO FÍSICA

Discutir Gênero no âmbito da educação física é discutir uma questão que vai além das questões biológicas e ou hormonal, visto que conforme visto anteriormente, gênero é uma construção social estabelecida em uma dada cultura, levando-se em consideração a divisão entre o masculino e o feminino. Entretanto, a ênfase dada pelo conceito de gênero à construção social das diferenças sexuais não se propõe a desprezar

as diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres, mas considera que, com base nestas, outras são construídas. Bourdieu (1995) lembra que o mundo social constrói o corpo por meio de um trabalho permanente de formação e imprime nele um programa de percepção, de apreciação e de ação. Nesse processo, as diferenças socialmente construídas acabam sendo consideradas naturais, inscritas no biológico e legitimadoras de uma relação de dominação do homem sobre a mulher.

Neste sentido, podemos observar que essa diferença encontrada entre os gêneros masculino e feminino, onde os homens geralmente apresentam uma musculatura mais desenvolvida, uma maior força e potência muscular, isso acontece, pelo fato de sua estrutura muscular favorecer esse desenvolvimento, já as mulheres geralmente com sua estrutura muscular diferenciada, podem encontrar uma certa dificuldade nas atividades que exijam muita força, mas podem perfeitamente se adaptar a outras atividades que necessitem de leveza, destreza, agilidade, flexibilidade ou outras valências físicas, peculiares aos exercícios considerados leves e harmônicos.

Nos últimos anos, com a aprovação da Lei Maria da Penha, começou-se a criar uma estrutura que possibilita coibir de forma mais efetiva os vários tipos de violência contra a mulher, e por conseguinte contribui para o combate ao preconceito de gênero na escola, pois a lei permitiu e estimulou a denúncia, criando inclusive uma sensação aparente de que aumentou o número de casos.

Como educadores nos deparamos diariamente com situações que envolvem esse tipo de preconceito, talvez em educação física isso torne-se muito mais evidente, pois as aulas deste componente curricular também são um momento de descontração lúdica e fica nítido questões básicas como a existência de uma cor específica para os meninos e outra para as meninas. As meninas acham que só rosa e amarelo é cor de menina, e os meninos acham que todo o resto é cor de menino. Na verdade, percebemos que, por mais que a sociedade tente se reinventar e abandonar antigos preconceitos, muitos estereótipos continuam presentes no dia a dia da população.

Desde crianças, cultivamos questões conservadoras como as imagens de princesas de contos de fadas, sendo estas umas primeiras referências de gênero e feminilidade para as crianças. Nas aulas de educação física, muitas vezes percebemos que as meninas buscam os padrões de beleza e felicidade dos contos de fadas. “Ser princesa, ou mulher, está associado ao casamento, ao príncipe encantado. E a felicidade só é alcançada quando a princesa se casa, e ela quase sempre não faz nada para chegar a esse resultado”.

Outro ponto ressaltado por ela diz respeito ao padrão estético transmitido e perpetuado neste sentido. “É o ideal da mulher jovem, bonita, magra e loira, que acaba sendo propagado depois pela mídia, nos filmes, novelas e em outros programas”, aos meninos as atividades físicas são em muitas vezes a forma para exibir a força física e fortalecer a ideia do príncipe forte e atlético, capaz de vencer os adversários e salvar a princesa das tores altas.

Na Educação Infantil e nas séries iniciais, por exemplo, os profissionais que atuam, em sua maioria, são mulheres, que com alguns estereótipos, ações e atitudes, contribuem para a diferenciação de gênero, que é incorporada por meninos e meninas. Por isso, esse profissional, ao realizar seu trabalho, tem de analisar que tipo de brinquedos e brincadeiras deve elaborar com essas crianças, para que assim não reforce as diferenças de gênero. Os educadores devem estar preparados para discutir se os carrinhos e as brincadeiras de lutas podem ser considerados somente como brincadeiras de meninos, e já as bonecas e brincadeiras quietas como se fossem somente brincadeiras de meninas (BRAGA, 2007).

No que se refere à intervenção docente, várias considerações podem ser feitas, dado o importante papel do professor ou da professora na aula. Para Louro (1997, p. 75), as aulas de educação física representam uma situação constante e peculiar de exame:

O uso de alinhamentos, a formação de grupos e outras estratégias típicas dessas aulas permitem que o professor ou professora exercite um olhar escrutinador sobre cada estudante, corrigindo sua conduta, sua postura física, seu corpo, enfim, examinando-o a constantemente. Alunos e alunas são aqui particularmente observados, avaliados e também comparados, uma vez que a com petição são inerentes à maioria das práticas esportivas.

É impossível não perceber a importância da presença do docente como indivíduo dinamizador das relações construídas na escola, bem como elemento indispensável pensar o professor como um agente de combate ao preconceito, visto que o mesmo tem o papel de “Educador” para a vida e a formação de um cidadão múltiplo de saberes, proporcionando ao educando a capacidade de ser um sujeito pensante.

Apesar de todo o debate acima apresentado, ainda é natural e muito evidente que a maiorias dos professores de educação física, tem sua visão voltada para essa

diferenciação, relacionada à sua prática física e esportiva, que é inegável, sobre o comportamento do homem e da mulher, definido pela composição corporal e suas qualidades físicas. Os homens se identificando com esportes que exijam uma pouco mais de suas qualidades físicas e as mulheres, com atividades de menor desgaste e mais leveza, isso não significa dizer que eles não possam praticar os mesmos esportes ou atividades físicas, sendo que em intensidades diferentes.

O combate ao preconceito nas relações de gênero consta como tema transversal apresentada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's/1997, expresso no volume 10, se caracteriza por trabalhar o esclarecimento e a problematização de questões que favoreçam a reflexão e a re-significação das informações, emoções e valores recebidos e vividos no decorrer da história de cada um, que tantas vezes prejudicam o desenvolvimento de suas potencialidades. Ressalta-se, também, a importância de se abordar as relações de gênero nos aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e psíquicos.

Para que esse trabalho possa se efetivar de forma coerente com visão pluralista é necessário que os diversos aspectos ligados às questões de gênero encontrem espaço para se expressar, pois só através do diálogo, da reflexão e da possibilidade de reconstruir a informações, pautando-se sempre no respeito a si próprio e ao outro, é que o aluno conseguirá transformar e reafirmar concepções e princípios, construindo de maneira significativa seu próprio código de valores.

A integração deste tema por meio da transversalidade impregnará toda a prática educativa, uma vez que tanto a concepção quanto os objetivos e conteúdos são contemplados pelas diversas áreas do conhecimento, onde cada área tratará da temática gênero por meio da sua própria proposta de trabalho.

É fundamental que o professor se planeje para trabalhar essas situações no momento em que elas acontecerem, pois precisa ter atitude de acolhimento a essas expressões e de disponibilidade para ouvir e responder questões. Portanto, o trabalho de combate ao preconceito de gênero deverá acontecer dentro da programação, por meio dos conteúdos já transversalizados nas diferentes áreas do currículo como também em extraprogramação sempre que surgirem as necessidades. Assim, Para superar as desigualdades nas relações de gênero, é fundamental a desmistificação dos papéis sociais tradicionalmente estereotipados em masculinos e femininos.

A intervenção do educador deve se dar de forma a apontar a inadequação de alguns comportamentos às normas do convívio escolar. Não se trata, portanto de julgar

essas manifestações, mas apenas delimitar a inadequação do ambiente escolar para sua efetivação. Entre os mecanismos transmissores de uma cultura preconceituosa ou uma cultura de respeito à diversidade cultural está o currículo, ele pode produzir no interior das diferentes práticas educativas mudanças significativas de atitudes.

Os Marcos regulatórios propõe a discussão das relações de gênero, com objetivo de contribuir para que alunos e alunas possam desenvolver e exercer a cidadania que deve ser entendida como “necessária atenção às diferenças para a real garantia de igualdade de direitos, oportunidades e acesso aos bens sociais, em todos os campos” (BRASIL, MEC/SEF: 1998, p. 322) ao se propor a trabalhar o respeito por si e pelo outro e ao buscar garantir direitos básicos a todos como a saúde, a informação e o conhecimento, que são elementos fundamentais para a formação de cidadãos e cidadãs responsáveis e conscientes de suas capacidades.

O comportamento diferenciado dos alunos e das alunas, dos primeiros ciclos apresenta inúmeras situações que dizem respeito à questão dos gêneros, geralmente ocorre o agrupamento espontâneo por sexo onde o relacionamento entre meninos e meninas são dificultados. Já no segundo ciclo costuma haver espontaneamente também, uma aproximação entre eles, revelando-se mais claramente a curiosidade pelas diferenças. Essa aproximação não se dá sem conflitos, medos e por vezes agressões de diferentes intensidades em que muitas vezes o professor ou professora é chamado a intervir nesses conflitos ao mesmo tempo em que pode propor situações de trabalho em conjunto como estratégia de facilitação das relações entre meninos e meninas.

Diante dessas situações, o professor, estando atento, pode intervir de modo a combater as discriminações e questionar os estereótipos associados ao gênero, deve sinalizar a rigidez das regras existentes nesse grupo que definem o que é ser menino ou menina apontando para imensa diversidade dos jeitos de ser e ainda trabalhar o respeito ao outro e às diferenças.

Por serem as relações de gênero, algo inerente à vida e a saúde, que se expressa desde cedo no ser humano e que engloba o papel social do homem e da mulher, o respeito por se e pelo outro, as discriminações e os estereótipos atribuídos e vivenciados em seus relacionamentos, a escola deve ser um espaço de informação e formação no que diz respeito às questões referentes ao seu desenvolvimento.

Portanto, os Marcos regulatórios como PCN's e OCN's, têm como objetivo primordial promover reflexões e discussões de técnicos, professores, equipe pedagógica, pais e responsáveis, com a finalidade de sistematizar a ação pedagógica do

desenvolvimento global dos alunos e alunas, considerando os princípios morais de cada um dos envolvidos e respeitando os direitos humanos, cabe à escola abordar os diversos pontos de vistas, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno e a aluna a encontrar um ponto de auto referência por meio da reflexão. A escola deve informar e discutir os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, como, também, abordar as repercussões de todas as mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pela sociedade como as crianças e jovens, na tentativa de preencher lacunas nas informações que as crianças já possui e, principalmente, criar a possibilidade de formar opiniões a respeito do que lhe é ou foi apresentado.

A escola ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e explicitar os diversos valores associados à sexualidade e ao comportamento sexuais existentes na sociedade possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus.

Nesse contexto o educador deve reconhecer como legítimo e lícito, por parte das crianças e jovens, a busca do prazer e as curiosidades no seu processo de desenvolvimento. O trabalho cotidiano precisa ter acesso à formação específica, e, devem entrar em contato com questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas de sexualidade e suas diferentes abordagens. Ele deve ter discernimento para não transmitir seus valores, crenças e opiniões como sendo princípios ou verdades absolutas, uma vez que tanto o(a) professor(a) quanto aluno(a), possui expressão própria de sua sexualidade que se traduz em valores, crenças, opiniões e sentimentos particulares, para isso deve contar com o trabalho coletivo da equipe escolar na definição dos princípios educativos.

1.5 AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MARCOS REGULATÓRIOS

Segundo Brasil (1997), desde o início da história das aulas de Educação Física tem-se registros de regulamentos aderindo a essa visão puramente discriminatória e preconceituosa. Em 1822 era recomendado a distinção entre as atividades, para os alunos, a ginástica sueca e para as alunas a calistenia. Nos pareceres sobre a Reforma de Ensino Leôncio de Carvalho Esse parecer era considerado como um tratado de Educação Física. O Decreto Federal nº. 69,450/71, título IV, capítulo I, art.5º e § III,

discute de modo específico a formação de turmas separadas por sexo para as aulas de educação física (BRASIL, 1997).

Nas décadas de 70 e 80, surgem os movimentos renovadores, propondo nova forma de se pensar nas aulas de Educação Física. A Nova Lei de Diretrizes de Bases (LDB 9.394/96) deu margens para a composição de turmas, e nenhum Decreto complementar foi promulgado, isto permitiu a flexibilização na composição de turmas, a ser deliberada pela escola, possibilitando um novo direcionamento para as aulas de Educação Física (BRASIL, 1997).

As novas diretrizes nos proporcionam escolhas e as turmas de Educação Física poderão ser formadas, por blocos, por série, por sexo ou mista. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's):

No que tange a questão de gênero, as aulas mistas de educação física podem dar oportunidade para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir estereotipadamente relações sociais autoritárias. (BRASIL, 1997, p. 3)

Os PCN's ainda asseguram que o papel da escola e do professor de educação física é configurar-se como um espaço diferenciado onde as diferentes competências com as quais as crianças chegam à escola deverão ser ressignificadas e ao professor é atribuída a função de oportunizar uma variedade de atividades em que diferentes competências sejam exercidas e as diferenças individuais sejam valorizadas e que cada indivíduo possa se enriquecer mutuamente ao invés de entrar em conflitos pautados em estereótipos e preconceitos.

A partir das décadas de 70 e 80, novos estudos foram feitos para modernizar as aulas de educação física, os PCNs e a Lei de Diretrizes e Bases são exemplos de avanços que permitem uma maior flexibilidade na composição e formação das turmas de educação física, nessa nova concepção, podemos observar que só através das aulas mistas, que o professor pode mediar e combater as mais variadas formas de preconceitos de gêneros, visto que em aulas ministradas nessas circunstâncias o professor pode identificar as mais variadas formas de discriminação.

1.6 O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO COMBATE ÀS DIFERENÇAS DE GÊNERO

É papel fundamental da escola, ter uma participação efetiva no combate e na prevenção de algumas ações que podem desencadear o preconceito de gênero, desde o material didático escolhido pela escola, as atribuições dadas aos alunos a partir do seu sexo, divisão e formação de turmas, formação de filas e etc. Todos esses fatores, como também a forma em que as aulas são ministradas. Pois grande parcela da formação do indivíduo como cidadão é da escola, cabendo ressaltar que não é apenas desta instituição esse papel. Entretanto na mesma são construídos sua noção de cidadania e participação social, percebendo que o mais importante acima de tudo é o respeito as diferenças.

De acordo com Louro, (1997) a disciplina de Educação Física pode contribuir muito com o seu trabalho na constituição da identidade de gênero, conforme expresso anteriormente. Apesar disso é possível perceber professores e professoras que têm certa resistência para a realização de mudanças em suas aulas, e que por isso se utilizam de uma série de argumentos, como, por exemplo, o de ordem biológica, para a manutenção da saúde e da higiene, para realizarem a separação das turmas femininas e masculinas, com a ideia de que as mulheres são fisicamente menos capazes do que os homens. “Quanto à sexualidade das meninas, levam-nas a evitar jogos que tenham ‘contato físico’ ou certa dose de ‘agressividade’” (SCRATON, 1992 p.13, apud BRAGA, 2007).

De acordo com Kunz (1993), em estudo sobre a construção histórico-cultural dos estereótipos sexuais, no contexto escolar, a Educação Física constitui o campo onde, por excelência, acentuam-se, de forma hierarquizada, as diferenças entre homens e mulheres. Assim, muitas meninas são impedidas de participar da prática esportiva na escola devido a este tipo de preconceito, sendo, algumas vezes, excluídas pelos colegas de sala e outras vezes pelos próprios professores de Educação Física, que camuflam o seu preconceito em justificativas ignorantes como “os meninos são mais fortes”, “é para evitar que elas se machuquem” ou até mesmo “elas não sabem jogar este esporte”.

Compartilhando as ideias de Saraiva (1999, p.187), “a aula de Educação Física separada para meninas e meninos deve ser evitada, porque somente em conjunto podem ser buscadas as igualdades de chances, a desconstrução da relação de dominação e a quebra de preconceitos entre os sexos”.

Cabe aqui ressaltar que o presente trabalho não tem pretensão de engessar o debate, mas contribuir numa discussão de gênero, reafirmando a necessidade de desnaturalizar as relações de gênero, bem como a conexão desse debate com a sexualidade e a diversidade sexual. Sendo estas categorias parte da totalidade da vida social, esforçamos para analisá-la na relação com outros determinantes, recorrendo ao debate das relações sociais de gênero.

Nesta direção, a escola é um importante espaço de construção e reconstrução de relações sociais, contribui, muitas vezes, para reforçar os comportamentos dominantes machista, patriarcais e heteronormativos. Assim, compreende-se que enquanto não for abordado na construção social e histórica do homem, o debate de gênero e diversidade sexual na educação, fica enfraquecida a formação de educadores e educandos, reforçando comportamentos discriminatórios.

Faz-se necessário compreender os desafios atuais, a partir da lógica que as políticas educacionais estão adotando, bem como as determinações que são postas pelas condições da formação e do trabalho, mas também buscar formas criativas de superação desses entraves para estimular o combate ao preconceito na escola. Neste momento o protagonismo do professor contribuirá efetivamente na vida dos estudantes e na dinâmica da escola.

CAPITULO II

2.1. BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador José Gaudêncio, do Município de Serra Branca teve sua origem no Ginásio Comercial Wamberto Torreão fundado em 08 de Março de 1963, pelo padre Cônego João Marques Pereira.

De início a escola surge com a modalidade de ensino profissionalizante caminhando até a criação do antigo ensino ginásial (atual Ensino Fundamental II), que funcionava em caráter particular com inúmeras bolsas de estudo.

Não obstante, a referida escola só veio obter caráter público em 1966, quando foi estadualizada pelo decreto nº 6.450 de 06 de março de 1975, passando a denominar-se Colégio Estadual de Serra Branca. Atualmente a escola conta com um quadro de 35 educadores, (estando apenas três no departamento de educação física) e 552 educandos, distribuídos em quatro modalidades de ensino (Ensino Fundamental II, Ensino Integral, Ensino Regular, Educação de Jovens e Adultos), sendo xxx alunos distribuídos em dois turnos.

A Escola Senador José Gaudêncio, onde foi desenvolvida esta pesquisa, é a maior escola de Serra Branca, com quinze salas de aulas, uma sala de professores, uma cozinha, uma pátio coberto, uma sala de secretaria, uma quadra sem cobertura onde são realizadas as aulas de Educação Física. Funciona em três turnos, atendendo atualmente a aproximadamente seiscentos alunos.

2.2 DISCUSSÃO METODOLÓGICA E O CAMINHO PERCORRIDO

2.2.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Pode-se definir uma pesquisa como um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. Neste sentido, podemos dizer que toda investigação nasce a partir de algum problema sentido ou observado, de tal modo que não pode prosseguir, a menos que se faça uma seleção da matéria a ser tratada (GIL, 2002).

Para o estudo e análise sistemática da problemática, esta seleção requer o levantamento de hipótese ou pressuposição que irá guiar e, ao mesmo tempo, delimitar o assunto a ser investigado. Após definido o objeto de estudo surge à necessidade de selecionar as formas de investigar esse objeto (MINAYO et al., 1994).

A pesquisa ora apresentada utiliza-se de vários instrumentos de pesquisa, mas um dos mais utilizados foi a pesquisa de informações e a própria realidade do pesquisador, partindo do objeto primeiro que foi a própria vivência de tão complexa realidade. A pesquisa não é apenas respaldada nas técnicas e métodos conhecidos como pesquisa qualitativa ou quantitativa, pois em uma análise social não podemos ser reducionistas levando em consideração que o ser humano é um todo complexo (GIL, 2002).

Levando em consideração o respeito à pesquisa, que responde a questões muito particulares, preocupando-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Assim, a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes. Dedicar-se aquilo que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO et al., 1994).

Tendo como um dos mais fortes instrumentos a variável qualitativa segundo Almeida (1989) é uma variável que se refere a uma característica ou atributo da pessoa e não pode ser manipulada ou é difícil de ser manipulada. As variáveis que indicam características humanas como sexo, educação, status, atitude, são variáveis qualitativas. Elas são normalmente descritivas, mas podem ser quantificadas.

Para a pesquisa realizada foi utilizado como método de coleta de dados a entrevista, com o questionário com 18 perguntas, fechadas referente a idades, gênero, etc.; e abertas que dava liberdade ao pesquisador questionar aquilo que achava pertinente, tendo sido aplicadas a 20 alunos do educandário e aos dois professores do departamento de educação física da referida escola. Esta coleta tinha por objetivo compreender quais os índices de preconceito de gênero as aulas de educação física.

Os motivos que nos levaram a pesquisar o referido assunto foram às próprias vivências no decorrer de 15 anos como docente no educandário, tendo o tema sempre despertado interesse. E fomentado a necessidade de desenvolvimento de um estudo científico para verificar a problemática da questão.

2.2.2 CAMINHO PERCORRIDO

A pesquisa buscou associar dados qualitativos e quantitativos que, neste caso, se complementam na análise da realidade estudada. Esse procedimento metodológico pretende utilizar-se da vivência, da experiência e do cotidiano dos alunos e professores da escola Senador José Gaudêncio, em especial da problemática do preconceito de gênero nas aulas de educação física.

Este trabalho foi iniciado no final do mês de Março do ano de 2014, com o levantamento da hipótese e delimitação da problemática, No mês de Maio partiu-se para a construção do pressuposto teórico e finalmente no mês Julho deu-se a elaboração do roteiro de entrevista e realização das mesmas.

Durante o processo de levantamento dos dados algumas questões nortearam nossa observação sobre o trabalho realizado na turma de Educação Física do 2º ano do Ensino Médio da Escola Senador José Gaudêncio:

- Como são as relações de gênero nas aulas de Educação Física?
- Qual o papel dos educando nesse contexto?
- E qual o papel do professor?

Assim, buscamos essas respostas através da pesquisa feita com a aplicação dos questionários à turma do 2º ano do Ensino Médio da Escola Senador José Gaudêncio.

A entrevista abordou temas referentes ao cotidiano dos educandos e as relações de contextualização do ensino com o componente curricular de Educação Física, buscando junto ao alunado informações imprescindíveis para uma melhor compreensão sobre as mais variadas formas de preconceitos existentes nas aulas de Educação Física.

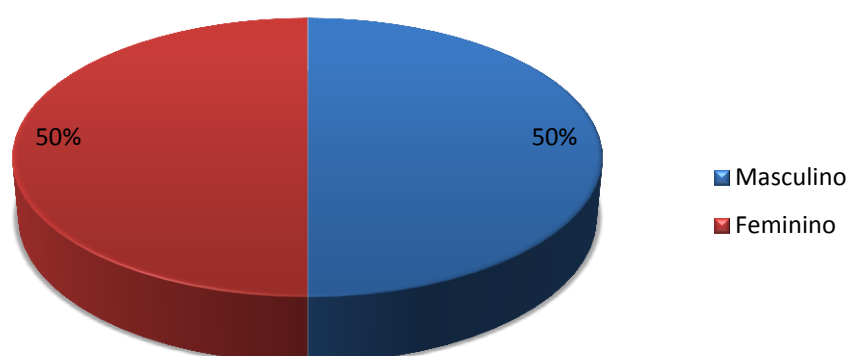
Posteriormente efetivou-se a reconstrução dos diálogos somados a tentativa de descrever os sujeitos pesquisados em relação aos seus modos de pensar e agir, os locais e fatos e principalmente sua postura e compreensão a cerca da temática de educação contextualizada. Além disso, tais informações buscam revelar o grau de conscientização dos sujeitos investigados no que se refere a suas práticas cotidianas bem como em suas práticas discentes.

2.3 DISCUSSÃO E RESULTADOS DA PESQUISA

Muitas vezes os nossos sonhos trazidos da universidade não são compatíveis com a realidade encontrada em nossas escolas: quadras sem cobertura, ausência de recursos didáticos, horários incompatíveis com os dos nossos alunos e uma série de dificuldades que comprometem as nossas aulas e podem não despertar o interesse de nossos alunos e isso com mais evidência nas meninas, visto que os meninos se contentam com uma aula com menores recursos, principalmente se for de prática esportiva.

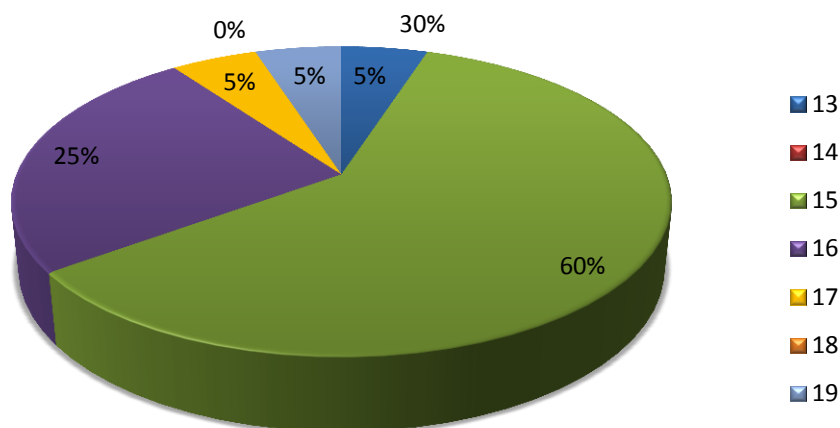
Podemos observar nas Figuras 1 e 2 a divisão de faixa etária e de gênero dos alunos do 2º ano do Ensino Médio da Escola Senador José Gaudêncio que responderam os questionários. Na Figura 1 identificamos a 50% para cada gênero, e na Figura 2 podemos observar que a maioria (50%) dos alunos que responderam os questionários possuem idade de 15 anos, seguidos de 25% com 16 anos, faixa etária muito próxima para a maioria (85%) dos entrevistados, havendo uma variação de idades entre 13 e 19 anos no total do grupo.

GRÁFICO 1. Divisão de gêneros masculino e feminino dos alunos do 2º ano “c” da Escola Senador José Gaudêncio.



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

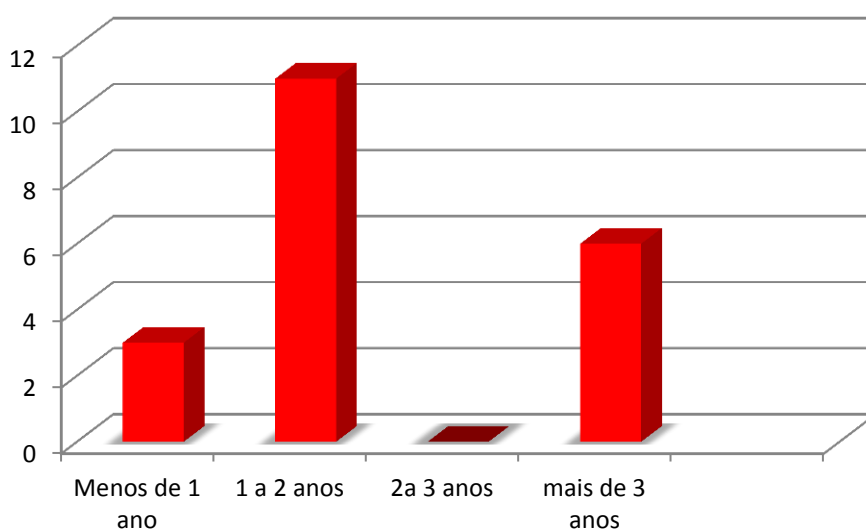
GRÁFICO 2. Divisão de faixa etária dos alunos do 2º ano do Ensino Médio da Escola Senador José Gaudêncio.



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Quando perguntados sobre o tempo em que estudam na Escola Senador José Gaudêncio, 59% dos alunos do 5º ano (Figura 3) responderam que estudam na escola a de 1 a 2 anos, o que nos leva a crer que estão bem adaptados as metodologias de ensino e avaliação desta escola

GRÁFICO 3. Apresentação do tempo decorrido em que os alunos do 2º ano “c” do Ensino Médio estudam na Escola Senador José Gaudêncio.



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Para introduzir o tema da pesquisa sobre o preconceito de gênero, perguntou-se qual a opinião pessoal de cada um sobre a disciplina, que foi definida com palavras como ótima, importante, muito boa e essencial, entre outras, por todos os entrevistados que ressaltaram os benefícios para a saúde proporcionados pelos exercícios físicos oferecidos nas aulas práticas de Educação Física, além da diversão e das informações importantes sobre o conhecimento do corpo humano. Porém, em um dos questionários, além das referências citadas acima, um (a) entrevistado (a) demonstrou insatisfação em relação às oportunidades oferecidas às mulheres nas aulas e respondeu da seguinte maneira a referida questão: “Boa. Mas oferecem poucas oportunidades as mulheres”. Como podemos observar, antes de iniciarmos a questão de discriminação e preconceito de gênero, já identificamos um caso onde alguém percebe que mulheres são menos favorecidas nas aulas de Educação Física. Para Pereira et al., (2007, p.9), “se observarmos as aulas de Educação Física, constatamos que os meninos ocupam espaços mais amplos do que as meninas dentro das quadras.”

Particularmente entendo que a maioria dos meninos demonstra um interesse bem maior pelas aulas de educação física e pelas práticas desportivas do que as meninas. O desinteresse das meninas talvez seja pela falta de oportunidade no meio em que vivem o que compromete o interesse pela prática, também pode ser pelo tipo de aula oferecido pela escola, que em sua estrutura física não dá oportunidade de o aluno ou a aluna ter a sua disposição uma variedade de atividade.

Entrevistando os alunos sobre a relação deles com a disciplina Educação Física, perguntou-se sobre a assiduidade nas aulas da disciplina, para observar se assistiam a maior parte das aulas ou poucas aulas, e assim, relacionar o interesse pelas aulas com as situações de ter preconceito ou de se sentir vítima do preconceito. Observamos que a grande maioria (80%) respondeu que assiste a maior parte das aulas, e quando perguntados ‘por quê?’ responderam que por gostar das atividades físicas, por serem aulas divertidas e por trazerem benefícios à saúde. Já os demais (20%) que responderam assistir poucas aulas, não relataram nenhum tipo de aversão às atividades físicas, ou por motivos de se sentirem discriminados ou vítimas de preconceitos, mas relataram se dedicar mais a outras disciplinas e/ou terem problemas com os horários das aulas.

Através da análise dos questionários respondidos pelos alunos em relação à disciplina de Educação Física, e tendo em conta grande valor de interesse desses alunos pela disciplina em questão, podemos referir que, de acordo com Parsons e Goff (1980; apud Pinto, 2007), o valor que a disciplina tem para os alunos aumenta a probabilidade

de envolvimento na tarefa. Com base nos estudos de Stipek (2002, *apud* Sérgio et al., 2010), os alunos que valorizam as aprendizagens e o seu sucesso escolar são mais persistentes, têm geralmente mais curiosidade pela matéria, dominando-a melhor, sentem-se menos aborrecidos, usando estratégias de aprendizagem eficazes demonstrando assim um bom desempenho escolar, quando comparados com os alunos que não internalizam os valores académicos.

Sobre a participação desses alunos e dessas alunas nas aulas de Educação Física, perguntou-se se participam ativamente das atividades propostas nas aulas ou se preferem não participar ativamente das atividades propostas nas aulas. 95% dos entrevistados responderam que participam ativamente das atividades propostas nas aulas de Educação Física, tendo como motivação os benefícios para a saúde, a diversão nas aulas, e o gosto pelos esportes.

Pode-se afirmar que os nossos resultados sugerem que os alunos que constituem a nossa amostra apresentam um perfil motivacional positivo relativo á disciplina de Educação Física. É importante a continuidade, durante o percurso escolar, no sentido de estes alunos continuarem sendo estimulados e motivados, para que estes mantenham bons desempenhos escolares, e a ausência de qualquer tipo de discriminação é um fator importantíssimo para a continuidade dessa motivação. Lopes (2006) refere que os alunos que valorizam a aprendizagem e se concentram nas tarefas, tendem a sentirem-se mais competentes nas suas realizações, demonstrando um maior envolvimento ativo e uma maior satisfação pelas aprendizagens. Contrariamente, quando os alunos desvalorizam a aprendizagem tendem a sentirem-se menos competentes, levando á diminuição da motivação intrínseca.

Nesse sentido podemos observar que a motivação é um fator decisivo para um bom desempenho nas aulas de educação física, a qualidade das aulas, as condições oferecidas pela escola, a criatividade dos professores e o combate a preconceitos, vão ser de suma importância para atrair e resgatar aqueles alunos que de alguma forma se sentem menosprezados e não contemplados com as atividades propostas, fatores que podem causar a evasão nas aulas de Educação Física.

Quando perguntados sobre as atividades preferidas, nas aulas de Educação Física, obtivemos os resultados apresentados na tabela 1, as respostas foram seguidas, na maioria (85%) pelo motivo de identificação pessoal. Perguntou-se ainda se os alunos e alunas achavam que as atividades preferidas eram apropriadas para o gênero masculino, o feminino ou para ambos. 85% responderam que as atividades preferidas

são apropriadas para ambos os gêneros e 15% responderam que as atividades preferidas são apropriadas para o gênero masculino. Visualizamos aí um indicativo de preconceito do gênero contra o gênero feminino nas aulas de Educação Física pelos alunos do 2º ano do Ensino Médio que estudam na Escola Senador José Gaudêncio.

Tabela 1. Relação de preferência dos alunos pelos esportes praticados nas aulas de Educação Física pelos alunos do 2º ano do Ensino Médio que estudam na Escola Senador José Gaudêncio.

Esportes preferidos	Percentual de respostas dos educandos
Ginástica	10%
Voleibol	25%
Futsal	25%
Handebol	0%
Basquetebol	5%
Ginástica e Voleibol	25%
Voleibol e Futsal	10%

FONTE: Pesquisa de campo (2014).

Sobre as relações de gênero, foi feita a seguinte pergunta: Você acha que existe algum tipo de discriminação de gênero nas aulas de Educação Física? 90% responderam que sim. Quando perguntados ‘porquê?’ obtivemos respostas como: *Homens acham mulheres fracas para jogarem futebol, por serem delicadas; Se mulheres jogam futebol são discriminadas; Homens são preconceituosos; Para a sociedade a mulher não é apta a praticar o mesmo esporte que o homem; Meninas que jogam futebol são discriminadas; Quando uma mulher quer jogar futebol dizem que é coisa para homem; Os meninos não aceitam as limitações das meninas.* Para Moreno (1999, p.23) “o androcentrismo consiste em considerar o ser humano do sexo masculino como o centro do universo. Como a medida de todas as coisas, como o único observador válido de tudo que ocorre em nosso mundo, como o único capaz de ditar as leis, de impor a justiça”. As meninas são comparadas e julgadas desde os valores masculinos e não desde o seu desejo de ser e estar no mundo, isto é, desde a sua diferença. Assim cabe ressaltar que a escola ensina a pedagogia de gênero que contribui para a consolidação da desigualdade entre homens e mulheres (MORENO 1999).

Perguntamos ainda como se sentiam ao participarem das aulas de Educação Física com o alunos do gênero oposto. 75% responderam que não se incomodam, e

ressaltaram ainda que ambos têm os mesmos direitos. 25% disseram se sentir incomodados (as), seguem as motivações para o incômodo: *Incomoda muito jogar com mulher; Às vezes não conseguem atingir a meta e sofrem xingamentos; Porque surgem comentários inoportunos; Porque exigem mais do que nós (mulheres) podemos.* A discriminação e a divisão de gênero nas aulas de educação física acontecem de forma frequente como se fosse uma cultura, repassada de geração para geração, que muitas vezes não atende apenas as necessidades e comodidades do professor, mas também contempla os anseios da maioria dos alunos, que juntos acreditam que o rendimento da aula flui melhor nas turmas que trabalham de forma separada.

Continuando sobre as relações de gêneros, perguntou-se como acham que deveriam ser as turmas de Educação Física em relação a organização de gênero. 60% responderam que as turmas devem ser mistas e 40% responderam que as turmas devem ser separadas por gênero. As motivações que levaram a preferência pela turma mista são basicamente o “tanto faz”, não havendo uma justificativa específica. Por outro lado os que preferem as turmas separadas disseram que os meninos são preconceituosos; que esportes que exigem mais esforços físicos são indicados para homens; que meninos podem (sem querer) machucar as meninas durante os jogos; relataram ainda que cada um se sente mais à vontade com o seu gênero.

Segundo Vaitsman (1994), um discurso era difundido acerca das características próprias da natureza de cada sexo, considerava-se, “as mulheres como fisicamente frágeis e, por isso, naturalmente delicadas, submissas e afetivas e os homens fortes, e, portanto, dominantes vigorosos e intelectuais”. Pereira e Mourão (2005), afirmam que as diferenças existentes entre os dois sexos acabam por definir alguns comportamentos mais identificados e apropriados a cada sexo, atividades que exigem menor esforço físico e estão associadas à estética com movimentos harmônicos, leves e suaves, estão mais presentes nos movimentos das meninas, exaltando características de delicadeza e fragilidade como definidoras de sua identidade motora. Pereira e Mourão (2005) ainda afirmaram que, desde o nascimento, meninas e meninos são submetidos a um tratamento diferenciado que lhes ensina os comportamentos e emoções ‘adequados’ e ‘aprovados socialmente’ ao seu gênero.

Tradicionalmente os pais são mais flexíveis no que diz respeito a liberar os meninos desde sua infância para participar de atividades de lazer em sua rua, em seu bairro, diferente do sexo feminino, que normalmente, não tem essa liberdade, dificultando e comprometendo o seu desenvolvimento motor e com isso vai

distanciando das habilidades adquiridas pelo os meninos do e daí inibindo a prática de atividades físicas e esportivas.

Não identificamos preconceito de gênero do campo discente para o docente, uma vez que perguntando aos alunos e alunas de que gênero de veriam ser os professores ou professoras de Educação física, os entrevistados e entrevistadas foram unânimes e responderam que de ambos os gêneros.

Em relação as aulas de Educação Física, 60% dos entrevistados acredita que a discriminação de gênero é mais visível nas aulas dessa disciplina, 40% responderam que não. Para muitos deles é como se nas aulas práticas o preconceito se tornasse mais visível uma vez que todos os envolvidos estão mais expostos, o que pode não ocorrer em aulas de outras disciplinas, pois não envolvem exercícios físicos, nos questionários respondidos encontramos respostas como: *Homens são mais preconceituosos com as mulheres nas atividades físicas; As meninas querem jogar futebol e os meninos não querem que elas joguem; Os esforços físicos das meninas geram as piadas dos meninos; Eles riem delas por serem mulheres.*

Então nos perguntamos por que as meninas têm menos habilidade em determinadas atividades motoras em relação aos meninos nas mesmas condições, idade e escolaridade? Se recorrermos à história, vamos verificar que às mulheres não foram dadas oportunidades equivalentes às dos homens no que diz respeito à prática de atividades físico-desportivas. A construção cultural brasileira concebe o esporte e especialmente o futebol, como um espaço de práticas sociais masculinas através da sua história. E o futebol como uma prática esportiva identitária da construção deste masculino, terminou por representar uma barreira ainda maior do que as outras atividades, à prática feminina (MOURÃO & MOREL, 2005).

Quando perguntados se já sofreram algum tipo de discriminação de gênero, 85% responderam que não e 15% responderem que sim, Uma entrevistada relatou não ter sido aceita no time dos meninos por ser menina. Perguntamos também se já praticaram algum tipo de discriminação de gênero, 95% responderam que não e 5% responderam que sim.

Diante da seguinte pergunta: Como você acha que um professor deve se comportar diante de um preconceito entre alunos?

Encontramos respostas como: *Punir o aluno preconceituoso para que a atitude não se repita; Defender a igualdade entre as pessoas; Aconselhar e orientar o preconceituoso sobre respeito ao próximo; Adequar atividades para ambos.*

Perguntou-se: Como o comportamento de um professor de Educação Física pode ajudar no combate à discriminação de gênero? Basicamente a maioria dos os alunos e alunas respondeu que um professor de Educação Física pode ajudar no combate à discriminação de gênero sendo contra o preconceito, permitindo que cada um pratique o esporte que preferir e mantendo as turmas mistas, orientando os alunos a aceitarem as diferenças.

Perguntou-se ainda: Como o comportamento de um professor de Educação Física pode atrapalhar no combate à discriminação de gênero? Os alunos responderam que um professor de Educação Física pode atrapalhar no combate à discriminação de gênero através da separação das turmas, sendo omissivo, ou conivente, ao fato; ou ainda sendo preconceituoso também.

Quando perguntados Como o professor de Educação Física deve agir para evitar e coibir a discriminação de gênero? Os alunos e alunas responderam, novamente, que a punição aos preconceituosos é uma alternativa, sugeriram também orientações através de reuniões e palestras e indicaram que apoiar as atividades mistas, dando a todos e todas as mesmas oportunidades seria uma alternativa para a solução. Os alunos não foram claros sobre a definição dessa “punição”.

Essas informações podem não garantir que a amostra represente completamente o grupo, pois muitas vezes o aluno se sente inibido para responder o questionário, principalmente com a presença do professor de Educação Física na sala de aula, como foi o caso da aplicação dos questionários dessa pesquisa. Essas informações são o que os alunos se propuseram a expor, e pode não ser a realidade vivida no contexto estudado.

É importante salientar que geralmente nas escolas públicas, os alunos não têm a oportunidade de optar pelas atividades físicas ou desportivas, de acordo com a nossa pesquisa, aparecem alguns casos isolados, onde os alunos não se identificam com nenhuma das atividades propostas pelo professor nas aulas de Educação Física, e não despertam nenhum interesse pelas atividades físicas escolares, assim, esses alunos buscam alternativas como: academia, dança, ginástica, natação, ciclismo, etc., para que possam se manter ativos fisicamente. Seria necessário que a escola tivesse a estrutura adequada para oferecer aos alunos e professores condições de desenvolver atividades desportivas diversificadas, mas como isto não é possível, cabe aos professores inovarem as aulas para torna-las atrativas despertando o interesse dos alunos e alunas, utilizando a “criatividade dos professores de escolas públicas”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem de gênero no contexto escolar, especificamente nas aulas de Educação Física, teve a intenção de refletir sobre padrões tradicionais de relações entre alunos e alunas, especificamente no que se refere às aulas de Educação Física. Diagnosticamos o favorecimento dos agrupamentos por sexo, reforçando-os através de atitudes, palavras e/ou rituais que vão imprimindo nos adolescentes o hábito de separação de meninos e meninas.

Identificamos através dos questionários o preconceito claro dos meninos contra as meninas nas atividades de Educação física. Identificamos ainda o auto-preconceito das meninas, em relação as atividades consideradas masculinas. Por isso, os educadores precisam estar atentos aos rituais escolares para que ali não se corra o risco de a educação conservar, valorizar e perpetuar padrões de comportamentos diferenciados entre os gêneros.

As habilidades esportivas ainda são tidas como características masculinas, este tipo de compreensão, referenciada na cultura corporal, deve ser desmistificada pela escola. É preciso trabalhar para transformar a conceituação acerca das experiências motoras de meninos e meninas, para superar preconceitos.

Esses resultados requerem um estudo mais aprofundado, uma vez que o preenchimento dos questionários pode ter sido feito pelos alunos de forma que tenha mascarado alguns fatos, não garantindo que a amostra represente completamente o grupo, pois muitas vezes o aluno se sente inibido para responder o questionário, principalmente com a presença do professor de educação física na sala de aula.

Contudo, esse trabalho precisa de continuidade, para que se busquem alternativas que tornem possível a convivência livre de preconceitos entre alunos e alunas nas aulas de Educação Física, e para que os professores e professoras dessa disciplina possam aplicar seus conhecimentos da melhor forma possível beneficiando todos os alunos e alunas.

REFERÊNCIAS

BRAGA, E. R. M.. A Questão do gênero e da sexualidade na educação. In: RODRIGUES, Elaine e ROSIN, Sheila Maria (Org.). **Infância e práticas educativas**. Maringá: EDUEM, 2007, p. 211-220.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BOURDIEU, Pierre. “**A dominação masculina**”. Educação e Realidade, v. 20, no 2. Porto Alegre, jul./dez. 1995, pp. 133-184

FARIA, A. L. G. **Infância e educação: As meninas**, (56), 2002a, p.2-4. (org.) Prefácio. Cadernos Cedes.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GALLARDO, G.; VALENZUELA, M. **Uma alternativa de equidade de gênero na pré-escola**, Cadernos Sempreviva Organização Feminista - SOF, gênero e educação. FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam; AUAD, Daniela; CARVALHO, Marília (orgs.) São Paulo: SOF, 1999, p. 40-54.

GUYTON, A. C. **Fisiologia humana**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Interamericana, 1981, p. 412-417.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php> Acesso em: 14/10/2014. 2010.

KUNZ, M. C. S. “**Quando a diferença é mito: Uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da educação física**”. Dissertação de mestrado em educação. Florianópolis: UFSC, 1993, 167f.

LEIS DE DIRETRIZES E BASES n° 9.394 de 20 de dezembro de 1996-seção IV- Art. 35.

LOPES, J. **Motivação e Auto conceito: Efeito das variáveis gênero, ano de escolaridade, estatuto escolar em estudantes do 5º ao 9º ano de escolaridade**.

Monografia de Licenciatura em Psicologia Aplicada. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada. 2006.

LOURO, G. L. **Gênero: questões para a educação.** 1n: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra. Gênero, democracia e sociedade brasileira. São Paulo: Ed. 34, 2002.

LOURO, G. L. **Currículo, gênero e sexualidade.** Porto, PT: Porto Editora, 2000.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** 3ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997, p. 7-179.

MAGALHÃES, J. R.; SILVA, M. T. A. **Endocrinologia bioquímica dos vertebrados.** São Paulo. Edgard Blücher. Editora da Universidade de São Paulo, 1975, p. 78-83.

MOURÃO, L.; MOREL, M. **As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v.26, n.2, p.73-86, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1994.

PEREIRA, M. E. et al (Org.). **Gênero e diversidade na escola: Formação de professores/as em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais.** Rio de Janeiro: CEPESC. 2007.1 CD ROM.

PEREIRA, S. A. M., MOURÃO, L. **Identificações de gênero: jogando e brincando em universos divididos.** Motriz, Rio Claro, v.11 n.3, p.205-210, set./dez. 2005.

PINTO, C. **Motivação para a Matemática: que relação existe com o gênero, ano de escolaridade, sucesso/insucesso escolar, clima de sala de aula e método de aprendizagem?** Monografia de Licenciatura em Psicologia Educacional Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada. 2007.

SÉRGIO, M. R., MONTEIRO, V., MATA, L., PEIXOTO, F. **Motivação para a Língua Portuguesa: sua relação entre o Gênero, o Desempenho e o Clima de Sala de** SARAIVA, M. C. Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito. Ijuí: Editora da Unijuí, 1999.

SOUSA, E. S. & ALTMANN, H. **Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar.** Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Agosto/99.

TERESINA. **Diretrizes Orientadoras para o Funcionamento da Educação Física nas escolas da Rede Pública Municipal.** Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC), Teresina, 1995.

VIANNA, C.; RIDENTI, S. Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Diferença e preconceito na escola:** alternativas teóricas e práticas. 2. ed. São Paulo: Summus, 1998. p.93-105.

VAITSMAN, J. O contexto brasileiro: gênero, casamento e família na modernização brasileira. In: **FLEXÍVEIS E plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

APÊNDICES

Questionário aplicado aos alunos.

Caro(a) aluno(a): Sua colaboração é muito importante para essa pesquisa, por favor responda, com total sinceridade, às questões abaixo. Não é necessário se identificar!

- **Sobre você:**

1. Qual a sua idade? _____. Qual o seu gênero? () Masculino () Feminino

2. Há quanto tempo estuda nessa escola?

() Menos de 1 ano () De 1 a 2 anos () De 2 a 3 anos () Mais de 3 anos

3. Qual a sua opinião sobre a disciplina Educação Física? Justifique.

- **Sobre sua relação com a disciplina Educação Física:**

4. Como é sua assiduidade nas aulas de Educação Física?

() Assiste a maior parte das aulas () Assiste poucas aulas

Porque? _____

5. Como é sua participação nas aulas de Educação Física?

() Participa ativamente das atividades propostas nas aulas

() Prefere não participar ativamente das atividades propostas nas aulas

Por quê?

6. Qual a sua atividade preferida nas aulas de Educação Física?

() Ginástica () Voleibol () Futebol () Handebol

() Basquetebol () Outro. Especifique: _____

Por quê?

7. Você acha que a sua atividade preferida é mais apropriada para qual gênero?

() Para o Masculino () Para o Feminino () Para ambos.

Porque?

- **Sobre as relações de gênero:**

7. Você acha que existe algum tipo de discriminação de gênero nas aulas de Educação Física? () Sim Descreva como isso acontece. _____

Por que você acha que isso ocorre?

() Não. Por que? _____

9. Como você se sente ao fazer aulas de Educação Física com alunos do sexo oposto ao seu? () Não me incomoda () Me sinto incomodado (a).

Por quê? _____

10. Como você acha que deveriam ser as turmas de Educação Física em relação a organização de gênero? () Turmas mistas () Turmas separadas por gênero

Por quê? _____

11. Em relação aos professores (as) de Educação Física, você acha que deveriam ser de que gênero? () Masculino () Feminino. () Ambos. Por quê? _____

12. Você acredita que a discriminação de gênero é mais visível nas aulas de Educação Física do que nas outras matérias escolares? () Sim () Não. Por quê? _____

13. Você já sofreu algum tipo de discriminação de gênero () Sim () Não. Se sim, descreva: _____

Em caso afirmativo, a que você atribui isto? _____

14. Você já praticou algum tipo de discriminação de gênero () Sim () Não. Se sim, descreva: _____

Em caso afirmativo, a que você atribui isto? _____

15. Como você acha que um professor deve se comportar diante de um preconceito? Por quê? _____

16. Como o comportamento de um professor de Educação Física pode ajudar no combate a discriminação de gênero? _____

17. Como o comportamento de um professor de Educação Física pode atrapalhar no combate a discriminação de gênero? _____

18. Como o professor de educação física deve agir para evitar e coibir a discriminação de gênero? _____
